



José Gabriel Ávila \*

## Conto

# Natal de um baleeiro

Manuel Pé-leve acordou assarapantado. Encostara-se na cama depois da ceia, vestido dos pés à cabeça, para amainar as dores nas pernas, enquanto Felisbela, mulher de muitas lidas, arrumava a lenha dentro da cozinha para a fornada do pão da festa.

Levantou-se, pé-ante-pé, para não acordar o filho e encaminhou-se para o balcão da cozinha.

Nos últimos dias, o mau tempo acautelara os barcos em terra e nem os pescadores da pedra haviam tentado apanhar vejas ou sargos, tal a maresia junto à costa.

Observou o mar na baía, a posição da lua, o andar das nuvens e a direção do vento.

‘Pode ser que amanhã apareça baleia’ – pensou Manuel.

Felisbela, apercebendo-se da mudança dos ares, de sul para norte, resolveu preparar tudo para a fornada. Mandou o filho ao moinho da Terra da Força, com meio alqueire de milho, preparou a lenha e recolheu os ovos do galinheiro para a massa sovada.

–É assim, Felisbela. Garanto-te: amanhã vamos ter baleia! O vigia quando o sol raiar, de certeza, que descobrirá nesse mar uma baleia grande ou de cardume...- disse com satisfação.

–Deus te ouça, Manuel, Deus te ouça!... E Nossa Senhora de Lurdes tenha compaixão de nós que passamos por tantas dificuldades! Já nem temos açúcar, nem leite para o pequeno e o nosso porco só lá para janeiro vai à faca. Ao menos se recebesse a soldada atrasada!... -lamentou a mulher, com voz acabrunhada.

Manuel encolheu os ombros e fez-se silêncio. De repente, respondeu com voz grave e pausada:

–Se aquele lepra não nos pagar o que deve até ao fim do ano, garanto-te que dou cabo dele!...

–Credo, homem! - Retorquiu a mulher, apaziguando o marido. - Com tanta raiva não conseguirás nada. Acalma-te!... Deus está do nosso lado e há-de ajudar-nos! Sossega, criatura!

–Eu só queria que o nosso filho passasse um Natal diferente – justificou o marido. –O António é um homenzinho. Está quase a terminar a escola e vai fazer exame. Já trabalha para casa, mas não ganha um escudo. Depois, serão mais dois homens a tratar dos pedacinhos de terra que temos aí, dos animais e a amealhar o seu pé de meia... Se ao menos me pagassem a soldada que devem, podia recompensá-lo do filho bom que é...

–E a baleia está a acabar... atalhou Felisbela.

–É o que se ouve dizer por aí. - Acrescentou o baleeiro. - Há muita dificuldade em vender o óleo. Ninguém o quer. Não é como antigamente. A gente vivia daquilo. Nos últimos tempos, houve tantos a embarcar com as famílias que dão por bem empregue o sacrifício. A gente ficou atrás, porque ninguém nos fez carta de chamada... é só ver os postais de Boas Festas e as fotografias que mandam de lá, para se perceber o que se ganha na América. - Rematou Manuel, entrando na cozinha e pensando para consigo: ‘Eu só queria dar uma prenda àquele filho pelo Natal... ele merece!...’

Sentada no muro do balcão, com a vila iluminada ao fundo, Felisbela, em silêncio, pensou na conversa do marido: ‘Ele tem razão. Aqueles lepras fazem pouco dos pobres e não reconhecem os perigos que eles passam no mar para caçar uma baleia... nem os penares de tantas famílias para dar de comer aos filhos. Mas Deus é Pai e não nos vai abandonar’.

Felisbela ficaria ali mais tempo, em silêncio, olhando a imensidão da baía e recordando os lindos sonhos de menina, não fora o frio cortante daquela noite de dezembro.

Ao entrar no quarto, já o marido ressonava. Deitou-se e, como habitualmente, pediu à sua madrinha de pia – Nossa Senhora de Lurdes – que, junto do Senhor Bom Jesus, intercedesse pela paz no mundo e nas famílias e que olhasse pelos pobres que tanto fazem sem a justa recompensa. E adormeceu...

Por volta das sete da manhã, Manuel acordou estremunhado: ‘Será que o foguete da baleia rebentou e eu não o ouvi?’ Olhou para o lado, mas a mulher já há muito se erguera. Foi à cozinha e viu Felisbela atarefada, a transpirar, lenço na cabeça, varrendo o forno para a primeira fornada de pão.

–Oh rapariga, não dormiste nada esta noite! Que Deus te ajude e a nós todos!

Preparando-se para o que desse e viesse, Manuel foi à caixa, cortou uma fatia de pão de milho e comeu-a com um pedaço de queijo com leite da sua ‘Formosa’. Depois virou-se para a mulher: –‘Certamente, ainda não rebentou o foguete p’rá baleia... Vou arranjar-me, que Mestre Maurício gosta de ser o primeiro a arrancar atrás da ‘Cigana’. E quem chega primeiro à baleia, tem sempre mais sorte de a trancar’.

Mal acabara de falar, rebentou a bomba. ‘Baleia’ - gritou Manuel com alegria. ‘Baleia’, repetiu a mulher, apontando para a mesa da cozinha:

–Está ali o cabaz da comida. Tens água, biscoitos e uns chicharros para conduto. Manuel: tem cuidado! Pensa no nosso filho. Daqui a dias é Natal! Que Nossa Senhora de Lurdes te proteja! - E Felisbela abraçou o marido com tanta afeição, como se ele embarcasse para muito longe.

–Adeus Felisbela! Adeus, António! Vão no meu coração! - respondeu o baleeiro.

Manuel desceu apressadamente as escadas e, num instante, alcançou a rampa, onde o ‘Nossa Senhora de Lourdes’ aguardava a tripulação. Saltou para dentro do bote, armou o remo e aguardou que mestre Maurício, desse ordem de partida.

No Caneiro, algumas mulheres aguardavam as canoas para alcançar os cabazes aos maridos, sob os olhares da Montanha, completamente descoberta, vestida nas encostas com uns raios alvos de neve.

O sol tardava em surgir do alto da lomba e já a vila vivia o alvoroço do costume: uns acorriam ao Cais para ver sair lanchas e botes, as mulheres, ao longe, observavam apreensivas a partida dos maridos e as crianças, numa algazarra inocente, apostavam em quem trancaria a baleia grande que o vigia da Queimada seguia, Ponta do Arrife fora.

Em casa, o filho António, parecia indiferente à saída do pai. Todavia, antes de ir para a Escola, aproximou-se da mãe que em voz baixa balbuciava, repetidamente, enquanto colocava o pão no forno: “Senhora de Lurdes trazei-nos o Manuel, são e salvo!”... “O meu Manuel, Senhora, trazei-o de volta para celebrarmos, juntos, o Natal do Menino Jesus, pois só Ele nos salva.»

